DESVENDANDO A ARMADILHA DA DESINFORMAÇÃO: COMO AS ‘FAKE NEWS’ PODEM CONTRIBUIR NA RESISTÊNCIA À VACINAÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO IDOSA

Maria Eduarda Da Silva Cunha[1]
Maria Emanuele Da Silva Marcos [2]
Carlos Henrique De Oliveira [3]
Rosiane Barros Pereira[4]
Larissa Deadame De Figueiredo Nicolete[5]

RESUMO

A vacinação desempenha um papel crucial na prevenção de doenças infecciosas, mas a desinformação, particularmente na forma de fake news, tem prejudicado a adesão vacinal, especialmente entre a população idosa. Este estudo busca entender como a desinformação afeta a resistência à vacinação em idosos residentes na região do Maciço do Baturité, no Ceará. A pesquisa incluiu 202 participantes com mais de 60 anos e utilizou questionários e análise de dados estatísticos para identificar fatores que influenciam a crença em fake news e a hesitação vacinal. Os resultados mostraram que, embora a exposição a fake news não tenha uma correlação estatística significativa com a opinião sobre a vacinação, há uma tendência de impacto negativo. Além disso, as mulheres relataram com maior frequência serem vítimas de fake news, e a confiança nas vacinas contra a COVID-19 variou de acordo com o nível de escolaridade e frequência de participação em atividades religiosas. A conclusão destaca a necessidade de estratégias de comunicação que considerem diferenças culturais, religiosas e socioeconômicas para melhorar a adesão à vacinação entre idosos, combatendo a desinformação.

Palavras-chave: Idoso; Vacinação; Desinformação; Resistência.

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, eduardashalom23@gmail.com[1]
UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, emanuelemarcos91@aluno.unilab.edu.br[2]
UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, carloshenricoliver@aluno.unilab.edu.br[3]
UNILAB, Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis , Discente, rosianebarrosnog@yahoo.com.br[4]
UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde, Docente, larissanicolete@unilab.edu.br[5]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

As vacinas desempenham um papel crucial na redução e erradicação de doenças, como a poliomielite e a varíola. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que a imunização previne de 4 a 5 milhões de mortes por ano, e mais 1,5 milhão de vidas poderiam ser salvas com maior cobertura vacinal. As vacinas são eficazes e seguras (Ballalai; Bravo, 2020), e os riscos associados são mínimos comparados às doenças que elas previnem (Xu et al., 2023). No Brasil, a última ocorrência de poliomielite foi em 1989, consolidando o país como livre dessa doença há mais de 30 anos (Victor, 2023).

Apesar das evidências científicas, a pandemia de Covid-19 gerou uma onda de desinformação, o que dificultou os esforços de vacinação globalmente (Galhardi et al., 2022). No Brasil, a hesitação vacinal, alimentada por fake news, tornou-se um grande obstáculo (Galhardi et al., 2022). Além das notícias falsas, a falta de conscientização sobre a importância das vacinas aumenta essa resistência. Campanhas de educação em saúde são essenciais para combater mitos e aumentar a adesão à vacinação (Borges et al., 2024).

Em 2021, o Brasil registrou a menor cobertura vacinal em 20 anos, apesar do Sistema Único de Saúde (SUS) oferecer vacinas gratuitamente. Em 2024, apenas 21% do público-alvo se vacinou contra a gripe, muito abaixo do esperado (Carvalho, 2024). A desinformação afeta especialmente a população idosa, que é mais suscetível a acreditar em fake news (Yabrude et al., 2020), e algumas teorias conspiratórias em grupos de idosos alegam que vacinas são usadas para reduzir os custos do governo (dos Santos Ribeiro et al., 2018). Este projeto visa investigar como as fake news influenciam a resistência à vacinação entre idosos em municípios da UNILAB no Ceará.

METODOLOGIA

2.1 Casuística e Aspectos Éticos

Este estudo prospectivo, não randomizado, incluiu 202 idosos com idade superior a 60 anos, residentes na Região do Maciço do Baturité, Estado do Ceará. Os participantes foram recrutados em hospitais e unidades básicas de saúde dos municípios de Redenção e Acarape. Todos os procedimentos éticos foram seguidos conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, aprovado sob o número 75047523.7.0000.5576, com os participantes assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando o uso de seus dados clínicos e epidemiológicos para fins de pesquisa.

2.2 Coleta de Dados

A coleta de dados envolveu o levantamento presencial e virtual das informações fornecidas pelos municípios-alvos, Estado do Ceará e Governo Federal sobre o combate às Fake News relacionadas a vacinas. Nos principais estabelecimentos de saúde, foi realizada a observação de materiais informativos sobre Fake News, e as redes sociais das instituições foram analisadas para avaliar as campanhas de combate à desinformação.

2.3 Análise dos Dados

Os dados coletados foram organizados no Excel for Windows (versão 2013) e analisados usando técnicas estatísticas descritivas e inferenciais, incluindo análise de correlação, regressão logística e teste de qui-quadrado. Valores de $p<0,01$ foram considerados significativos. As respostas subjetivas do questionário foram interpretadas por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados 202 questionários completos pelos usuários para serem utilizadas nas análises estatísticas

ISSN: 2447-6161

que foram realizadas. A primeira análise levou em conta a distribuição das respostas quanto à importância da vacinação entre indivíduos que acharam que foram expostos ou não a fake news. A análise estatística resultou em um valor de $p > 0,10$ (dados não mostrados). Apesar da ausência de significância estatística, os dados sugerem que a exposição a fake news pode influenciar a opinião sobre a importância da vacinação, conforme observado na maior proporção de respostas "Sim" entre os expostos a fake news. A literatura atual confirma que a desinformação é um fator crítico na hesitação vacinal, especialmente em contextos polarizados politicamente, como observado no Brasil durante a pandemia de COVID-19 (Galhardi et al., 2022; Muniz de Medeiros & Medeiros, 2022; Massarani et al., 2020).

Também foi realizada a separação entre os gêneros, conforme a tabela abaixo, que compara a percepção de vítimas de fake news entre mulheres e homens:

Tabela 1. Percepção de exposição às fake news por sexo

A estatística qui-quadrado é 5.0827, com um valor p de 0,078759. O resultado significativo indica que há diferenças na percepção entre homens e mulheres. Especificamente, mulheres relataram mais frequentemente terem sido vítimas de fake news, o que é corroborado por estudos que sugerem que as mulheres tendem a ser mais conscientes dos efeitos negativos das fake news, enquanto os homens podem ser menos propensos a reconhecer a desinformação (Almenar et al., 2021). Além disso, a percepção de fake news pode influenciar a adesão vacinal de forma diferente entre os gêneros, como indicado em estudos relacionados (Avaaz & SBIm, 2019).

Outra análise que resultou em um resultado não significativo foi a realizada entre os diferentes níveis de escolaridade, que contrapõe com a literatura publicada que sugere que a escolaridade pode influenciar na adesão vacinal, especialmente quando correlacionada com o acesso a fontes de informação confiáveis (Avaaz & SBIm, 2019). Vale ressaltar que mesmo a escolaridade formal não é impecilho para que a população idosa seja um público cada vez mais imerso no meio digital. Diversos estudos alegam que esse grupo tem se tornado propenso ao recebimento de fake news devido a baixa capacidade de interpretação de informações, analfabetismo funcional e dificuldade para acompanhar o constante fluxo de informações como apresentado nos estudos de Yabrude (2020); Allcott (2017) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2018).

Outra análise realizada foi quanto a a relação entre religião/crença e a percepção de ser vítima de fake news sobre vacinas, cujo resultado foi não significativo. Posteriormente, os dados foram reanalisados conforme a prática religiosa, conforme a Tabela 2.

Tabela 2. Nível de confiança na vacinas contra COVID-19 relacionada a frequência religiosa

A análise dos dados sugere que existe uma relação estatisticamente significativa entre a frequência de participação em atividades religiosas e a confiança nas vacinas contra a COVID-19, conforme evidenciado pelo teste qui-quadrado ($p = 0,005648$). Portanto, a hipótese de que a confiança nas vacinas contra a COVID-19 é maior entre pessoas que frequentam atividades religiosas mais frequentemente é confirmada com base nos dados disponíveis. Estudos sobre a hesitação vacinal entre grupos religiosos corroboram esses

ISSN: 2447-6161

achados. Volet et al. (2022) destacam que a hesitação vacinal está frequentemente relacionada a convicções religiosas, mas a participação ativa em comunidades religiosas pode aumentar a aceitação das vacinas, especialmente quando líderes religiosos promovem a vacinação e abordam as preocupações dos fiéis em suas comunidades.

Ruijs et al. (2013) também identificaram que a colaboração com líderes religiosos pode ser uma estratégia eficaz para promover a vacinação em grupos minoritários. Em suas pesquisas com grupos protestantes ortodoxos na Holanda, descobriram que líderes religiosos desempenham um papel crucial na formação de opiniões sobre a vacinação dentro de suas congregações. A aceitação da vacinação era maior em congregações onde os líderes religiosos apoiavam ativamente a vacinação. Esses estudos sugerem que a confiança nas vacinas pode ser significativamente influenciada pela frequência de participação em atividades religiosas e pelo papel dos líderes religiosos na promoção da vacinação. A comunicação efetiva e o engajamento de líderes religiosos em campanhas de vacinação podem ajudar a superar a hesitação vacinal, reforçando a confiança nas vacinas entre os membros de suas comunidades (Volet et al., 2022; Ruijs et al., 2013).

Estudos internacionais também indicam que a religião pode desempenhar um papel na disseminação de desinformação sobre vacinas, especialmente em contextos onde teorias conspiratórias são prevalentes (Wu et al., 2023; Ladini & Vezzoni). A falta de estudos específicos no Brasil limita a compreensão dessa dinâmica no contexto local. Portanto, além de os dados quantitativos confirmarem a relação entre a frequência de participação religiosa e a confiança nas vacinas, a literatura científica também apoia a ideia de que a participação ativa em comunidades religiosas e o suporte de líderes religiosos são fatores importantes na promoção da vacinação.

CONCLUSÕES

A partir da análise dos resultados obtidos, observou-se que a exposição a fake news demonstrou uma tendência de impacto na opinião sobre a importância da vacinação, ainda que não significativa estatisticamente, corroborando a literatura que aponta a desinformação como um fator crítico na hesitação vacinal, especialmente em contextos politicamente polarizados, como o Brasil durante a pandemia de COVID-19.

Os resultados obtidos sugerem tendências que podem ser relevantes para futuras pesquisas, tais como pensarmos em educação em saúde como algo que deve levar em conta também o comportamento religioso da população que se deseja trabalhar. Esses insights reforçam a necessidade de estratégias de educação em saúde que considerem esses fatores, incluindo a colaboração com líderes religiosos e a adaptação das mensagens para diferentes públicos, a fim de combater a desinformação e promover uma maior adesão à vacinação.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão a todos que desenvolveram para a realização deste trabalho. Primeiramente, agradecemos a UNILAB pela oportunidade de participar da Semana Universitária, proporcionando um espaço para o compartilhamento de conhecimento e investigação acadêmica.

A nossa orientadora, Larissa Nicolete, que nos guiou com paciência, sabedoria e incentivo ao longo de todo o

ISSN: 2447-6161

processo, oferecendo feedbacks valiosos e apoio contínuo. Sua orientação foi essencial para o desenvolvimento deste estudo.
Agradecemos também aos colegas e colaboradores que participaram diretamente ou indiretamente deste projeto, seja com sugestões, críticas construtivas ou na execução de atividades práticas. Suas contribuições contribuíram para este trabalho mais robusto e enriquecedor.

REFERÊNCIAS

Borges, Luana Cristina Roberto et al. Adesão à vacinação contra a Covid-19 durante a pandemia: influência de fake news. Revista Brasileira de Enfermagem, [S.L.], v. 77, n. 1, p. 1-8, 2024. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0284pt.
RIBEIRO, B. C. M. dos Santos.; FRANCO, I. de M.; SOARES, C. C. COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: as fake news no contexto da vacinação. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2018.
Avaaz; SBIm. As Fake News estão nos deixando doentes? Como a desinformação antivacinas pode estar reduzindo as taxas de cobertura vacinal no Brasil. Livro virtual, 2019.
Galhardi, C. P.; Freire, N. P.; Fagundes, M. C. M.; Minayo, M. C. de S.; Cunha, I. C. K. O. Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.24092021.
Muniz de Medeiros, P.; Medeiros, P. Fake news mediam a relação entre fatores sociopolíticos e intenção de vacinação no Brasil. Health Promotion International, v. 37, n. 6, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1093/heapro/daac110.
Almenar, E.; Aran-Ramspott, S.; Suau, J.; Masip, P. Diferenças de gênero no enfrentamento de notícias falsas: diferentes graus de preocupação, mas os mesmos problemas. Media and Communication, v. 9, n. 1, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.17645/MAC.V9I1.3523.
Wu, Y.; Kuru, O.; Kim, D. H.; Kim, S. Exposição a notícias sobre a Covid-19 e vacinações: uma mediação moderada do comportamento de alfabetização em notícias digitais e percepções errôneas sobre vacinas. International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 20, n. 1, 891, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph20010891.
Ladini, R.; Vezzoni, C. Quando acreditar na imanência divina explica a hesitação em relação à vacina: uma questão de crenças conspiratórias? Politics and Governance, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.17645/pag.v10i4.5766.
Yabrude, A. T. Z.; Souza, A. C. M.; Campos, C. W.; Bohn, L.; Tiboni, M. Desafios das Fake News com Idosos durante Infodemia sobre Covid-19: experiência de estudantes de medicina. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 44, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200381.
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/.
Allcott, H.; Gentzkow, M. Social media and fake news in the 2016 election. Journal of Economic Perspectives, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.
Ballalai, I.; Bravo, F. Imunização: tudo o que você sempre quis saber. 4ª ed. Rio de Janeiro: RMCOM, 2020.
Xu, K.; et al. A systematic review and meta-analysis of the effectiveness and safety of COVID-19 vaccination in older adults. Frontiers in Immunology, v. 14, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fimmu.2023.1113156.

ISSN: 2447-6161

Victor, N. Há 34 anos, último caso de poliomielite foi registrado no Brasil: eliminação da doença foi possível graças à imunização em larga escala. [S. L.]: Ministério da Saúde, 19 mar. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/ha-34-anos-ultimo-caso-de-poliomielite-foi-registrado-no-brasil. Acesso em: 27 maio 2024.

Carvalho, J. Apenas 21% do público-alvo se vacinou contra a gripe no Brasil; cidades fazem mutirão. G1, 20 abr. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/saude/noticia/2024/04/20/apenas-21percent-do-publico-alvo-se-vacinou-contra-a-gripe-no-brasil-cidades-fazem-mutirao.ghtml. Acesso em: 22 ago. 2024.

ISSN: 2447-6161